



A CERIMÔNIA DE ABERTURA DO PAN DE SANTIAGO 2023: DE “FIM” A “COMEÇO” DO MUNDO

Resumo - As cerimônias de abertura de eventos esportivos são formas de comunicação cultural e justapõem várias dimensões, com aspectos rituais, festivos e espetacularizações. Os Jogos Pan-Americanos (Pan) são o maior evento multiesportivo das Américas, chancelados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como suprema autoridade do Movimento Olímpico nas Américas. O Pan oferece um palco peculiar para examinar culturas esportivas e expressões latino-americanas. O objetivo deste estudo foi analisar discursos e representações de identidade, valores e questões sociopolíticas na cerimônia de abertura do Pan de Santiago 2023. A pesquisa é qualitativa e utilizou a etnografia para a produção dos dados. As notas de campo foram utilizadas para a análise. Como dados suplementares, foram adicionados dados da cobertura da cerimônia do Pan oriundos de um canal de Youtube brasileiro. O Chile sediou o Pan pela primeira vez na história. Compareceram ao Estádio Nacional mais de 35 mil espectadores, com a presença de Thomas Bach, presidente do COI. O espetáculo foi chamado de "A terra e seu povo" e retratou a formação histórica do Chile em dez atos, com povos aborígenes representados e disputas territoriais e coloniais encenadas. As dimensões rituais e festivas enfatizaram valores de resiliência e disciplina ligados ao esporte e ao povo chileno diante das bandeiras olímpica e panamericana. O elemento central do ritual cerimonial enfatizou as complexidades geográficas e territoriais do Chile, reivindicando uma mudança na narrativa sobre o Chile ser o "fim do mundo" para ser compreendido como o "começo do mundo" a partir do evento esportivo. O Pan em Santiago 2023 exibiu um senso de identidade por meio de expressões culturais únicas e da apropriação de símbolos, protocolos e valores do olimpismo para visibilizar a heterogeneidade dos povos chilenos em uma relação dialética com uma suposta unificação das Américas.

Palavras-chave: Pan; Santiago 2023; cerimônia; etnografia.

SANTIAGO 2023 OPENING CEREMONY: FROM THE “END” TO THE “BEGINNING” OF THE WORLD

Abstract - Sporting events opening ceremonies are forms of cultural communication and juxtapose several dimensions, with ritual, festive, and spectacular aspects. The Pan American Games (Pan) are the largest multi-sport event in the Americas, endorsed by the International Olympic Committee (IOC) as the supreme authority of the Olympic Movement in the Americas. Pan offers a unique stage to examine Latin American sporting cultures and expressions. The objective of this study was to analyze discourses and representations of identity, values and sociopolitical issues at the opening ceremony of the Santiago 2023 Games. The research is qualitative and used ethnography to produce data. Field notes were used for analysis. As supplementary data, we added details from the coverage of the Pan American Games ceremony from a Brazilian YouTube channel. Chile hosted Pan for the first time in history. More than 35 thousand spectators attended the National Stadium, with the presence of Thomas Bach, IOC president. The spectacle was called "The Land and its People" and portrayed the historical formation of Chile in ten acts, with representation of indigenous peoples and territorial and colonial disputes. The ritual and festive dimensions emphasized values of resilience and discipline linked to sport and the Chilean people in front of the Olympic and Pan-American flags. The central element of the ceremonial ritual emphasized the geographical and territorial complexities of Chile, demanding a change in the narrative about Chile being the "end of the world" to being understood as the "beginning of the world" based on this sporting event. The Pan in Santiago 2023 showcased a sense of identity through unique cultural expressions and the appropriation of symbols, protocols and values of Olympism to make visible the heterogeneity of the Chilean peoples in a dialectic with a claimed unification of the Americas.

Keywords: Pan; Santiago 2023; ceremony; ethnography.

CEREMONIA DE APERTURA SANTIAGO 2023: DEL “FIN” AL “PRINCIPIO” DEL MUNDO

Resumen - Las ceremonias de apertura de eventos deportivos son formas de comunicación cultural y juxtaponen varias dimensiones, con aspectos rituales, festivos y espectaculares. Los Juegos Panamericanos (Pan) son el evento multideportivo más grande de las Américas, avalado por el Comité Olímpico Internacional (COI) como la autoridad suprema del Movimiento Olímpico en las Américas. Los Juegos Panamericanos ofrecen un escenario único para examinar las culturas y expresiones deportivas latinoamericanas. El objetivo de este estudio fue analizar los discursos y representaciones de identidad, valores y cuestiones sociopolíticas en la ceremonia de apertura de los Juegos de Santiago 2023. La investigación es cualitativa y utilizó la etnografía para producir datos. Las notas de campo fueron centrales para este análisis. Como datos complementarios, agregamos detalles de la cobertura en vivo de la ceremonia de Pan de un canal brasileño de YouTube. Chile fue sede de los Pan por primera vez en la historia. Más de 35 mil espectadores asistieron al Estadio Nacional, con la presencia de Thomas Bach, presidente del COI. El espectáculo "La Tierra y su Gente" retrató la formación histórica de Chile en diez actos, con representación de pueblos originarios y disputas territoriales coloniales. La dimensión ritual y festiva enfatizó valores de resiliencia y disciplina ligados al deporte y al pueblo chileno frente a las banderas olímpicas y panamericanas. El elemento central del ritual cerimonial enfatizó las complejidades geográficas y territoriales de Chile, demandando un cambio en la narrativa sobre Chile como el "fin del mundo" a ser entendido como el "principio del mundo" a partir del evento deportivo. Los Pan de Santiago 2023 exhibieron un sentido de identidad a través de expresiones culturales únicas y la apropiación de símbolos, protocolos y valores del Olimpismo para visibilizar la heterogeneidad de los pueblos chilenos en una dialéctica con una pretendida unificación de las Américas.

Palabras-clave: Pan; Santiago 2023; ceremonia; etnografía.

Doraia Silva dos Santos

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Clarisse Silva Caetano

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Larissa Fátima de Azevedo Lellis

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Augusto Fernandes Condé

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Gabriel Felipe Silva Coelho

gabriel.f.coelho@ufv.br

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v8.id201>

Recebido: 20 set 2024

Aceito: 15 out 2024

Publicado: 21 dez 2024



Introdução

As cerimônias de abertura de eventos esportivos são formas de comunicação cultural e justapõem várias dimensões, incluindo os rituais e protocolos, o espetáculo e festival. Elas oferecem uma lente única através da qual podemos investigar as complexidades dos fenômenos esportivos para além das competições¹.

As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos (JO) têm sido objeto de análise na literatura acadêmica internacional há muito tempo, sob perspectivas históricas, culturais, políticas e de identidade. Sua mediação e simbolismos têm sido explorados na literatura esportiva, para cada edição dos JO². Por outro lado, cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos (Pan) têm recebido pouca atenção da literatura acadêmica como objeto de análise.

Historicamente, os planos de inaugurar os Pan foram impulsionados quando os JO programados para Tóquio em 1940 não poderiam ser realizados devido à Segunda Guerra Mundial. Naquela época, Avery Brundage, um proeminente líder esportivo dos Estados Unidos da América (EUA) e futuro presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), mobilizou uma agenda e *networking* para estabelecer esses Jogos continentais. Ele os projetou para espelharem-se nos Jogos Olímpicos. Em comunicação com líderes argentinos, ele disse: "A chama olímpica está temporariamente extinta e o mundo olha para o hemisfério ocidental para manter vivas as melhores tradições do esporte amador (p.45)"³.

Vários líderes de organizações esportivas das Américas estavam interessados em tal proposta. Após a organização de Congressos Pan-Americanos, eles estabeleceram a *Organización Deportiva Pan-Americana* (agora conhecida como Pan-Am) no início da década de 1940, definindo-se Brundage como primeiro presidente e Buenos Aires como primeira cidade a sediar o evento. A realização de Jogos continentais e o apoio do COI aos mesmos estavam ligados a vários interesses, dentre os quais: melhorar as relações interamericanas diplomaticamente e promover os ideais do Movimento Olímpico Moderno na América Latina⁴.

Os preparativos para os Jogos Pan-Americanos inaugurais tinham que seguir regras e protocolos olímpicos, para serem reconhecidos e cancelados pelo COI. Para garantir isso, Avery Brundage enviou relatórios dos Comitês Organizadores dos JO de Los Angeles e Berlim aos organizadores dos Jogos Pan-Americanos argentinos, para que

eles pudessem embasar-se no que Brundage chamou de ‘eventos extraordinários’. Cabe lembrar a grande propaganda Nazista dos Jogos de 1936 como marco da edição de Berlim.

Ao mesmo tempo em que buscava incentivar os Jogos continentais, o COI estava preocupado em salvaguardar seus símbolos e terminologias, pois não havia regulamentação formal para apadrinhar jogos regionais ou continentais naquele momento⁴.

Os Jogos Pan-Americanos foram inaugurados, finalmente, em 1951, após o fim da segunda Guerra e a retomada dos JO em Londres, em 1948. O Pan se tornou, a partir de então, um dos maiores eventos multiesportivos continentais do mundo, bem como um constituinte formal do Movimento Olímpico Internacional. O evento jamais foi interrompido, e escapou às tensões da pandemia global da COVID-19, com a sua periodicidade sendo preservada com os Jogos de Lima em 2019 e de Santiago em 2023. Porém, houve tensões históricas na relação entre o Pan e o Movimento Olímpico.

Inicialmente, havia restrições quanto ao uso da bandeira olímpica e ao transporte e uso de qualquer chama nas cerimônias panamericanas. Este foi um ponto de controvérsia entre os organizadores do Pan em Buenos Aires e o COI, mediado por Avery Brundage. Após várias comunicações a respeito disso, um atleta grego carregou uma chama que havia sido acesa na Grécia para o estádio onde a cerimônia de abertura de Buenos Aires ocorreu e acendeu uma pira, emulando a cerimônia olímpica⁵.

A primeira edição do Pan, marcadamente, foi uma grande propaganda do governo peronista na Argentina, com Eva Perón e Juan Perón protagonizando discursos políticos em torno do evento⁵. Apesar do sucesso geral dos primeiros Jogos Pan-Americanos em Buenos Aires 1951, a proliferação de Jogos regionais era uma questão de preocupação crescente para o COI, bem como os usos políticos destes eventos.

Assim, em 16 de julho de 1952, na Sessão do COI de Helsinque, os membros executivos aprovaram regras para o reconhecimento e apadrinhamento dos denominados Jogos regionais. Entre as primeiras doze regras que os jogos regionais deveriam seguir para desfrutar do reconhecimento, a cerimônia de abertura era uma preocupação, como se nota na Regra 5, conforme abaixo:

As cerimônias relacionadas aos Jogos podem ser semelhantes, mas não devem ser idênticas às dos Jogos Olímpicos. Não deve haver eventos estranhos relacionados aos Jogos, particularmente aqueles de natureza

política. O alto-falante deve ser usado apenas para fins esportivos e nenhum discurso político deve ser permitido (p. 67)⁴.

Notavelmente, para além da análise da primeira cerimônia de abertura do Pan e suas dimensões rituais, ideológicas e políticas, observa-se que a literatura acadêmica pouco explora a relação entre o Pan e o Movimento Olímpico, inclusive a partir das cerimônias. A cerimônia dos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro é uma exceção, com trabalhos dedicados a compreender, sobretudo, narrativas de identidade nacional⁶.

Considerando a significância histórica dos eventos como uma tradição continental ininterrupta desde 1951, torna-se imperativo encorajar a investigação acadêmica de cerimônias panamericanas com contextos diversos e multifacetados quanto aos desdobramentos da relação entre o Movimento Olímpico e a América Latina.

Assim, este estudo dedica-se à cerimônia de abertura de Santiago 2023 no Chile. O país teve a experiência de sediar os Jogos Pan-Americanos pela primeira vez, o que é um marco na história esportiva do Chile. O objetivo deste estudo é analisar discursos e representações de identidade, valores e questões sociopolíticas que emergiram durante a cerimônia de abertura dos Jogos de Santiago 2023.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa é qualitativa e utilizou a etnografia para a produção dos dados. A etnografia pressupõe que o pesquisador participe e colete dados em cenários ‘naturais’, ou seja, ambientes e contextos que não foram especificamente configurados para fins de pesquisa. O(s) pesquisador(es) imergem na realidade investigada⁷.

Esta investigação tem também caráter exploratório, pois, a partir da etnografia não se limita *a priori*, os elementos e fatos que serão registrados dentro daquele cenário. Na imersão etnográfica a reflexividade é importante, pois, os pesquisadores são moldados por subjetividades com base no contexto sócio-histórico, seus valores e interesses⁷.

A etnografia em Santiago, no Chile, teve duração total de 10 dias (de 19 a 29 de outubro), sendo o foco desta investigação a cerimônia de abertura em si e a atmosfera que circunda a mesma.

As notas de campo foram usadas como instrumentos, elaboradas durante os acontecimentos e revisadas após os mesmos. Dois pesquisadores escreveram

observações, descreveram interações e o contexto percebido diretamente do estádio, onde a cerimônia ocorreu em 20 de outubro de 2023. Para dados suplementares, dois outros pesquisadores acompanharam a cerimônia na cobertura de *streaming* em um canal brasileiro de *Youtube* e adicionaram nomes e detalhes às sequências de eventos descritos nas notas de campo, colaborando para dar sentido aos dados.

Os etnógrafos precisam estar cientes de seus próprios preconceitos e subjetividade, situando a posicionalidade da sua perspectiva e escolhas interpretativas⁷. Neste sentido, construiu-se, neste texto, a descrição e reflexão sobre os significados, funções, discursos, bem como ações e situações do contexto dos Jogos Pan-Americanos partindo-se do reconhecimento de que as interpretações aqui apresentadas estão implicadas na compreensão da cultura esportiva a partir de prismas culturais e críticos dos estudos dos esportes no Brasil. Este prisma traz implicações mais amplas para empreender análise sobre instituições, discursos e práticas esportivas.

Texto e contexto: um preâmbulo sobre o Chile, o Pan e a América Latina

O Chile é uma das 14 nações participantes dos Jogos Olímpicos inaugurais de 1896. Seu Comitê Olímpico nacional foi reconhecido em 1934. A literatura sobre a história esportiva do Chile está ligada aos militares, com o Ministério da Defesa supervisionando politicamente o esporte no território nacional até 2001. Neste século, esforços foram feitos para descentralizar a administração esportiva para torná-la mais eficaz quanto ao fomento do esporte para a população em geral e, também, para melhorar o esporte de alto rendimento, em colaboração com o Ministério da Educação⁸.

O Chile sediou importantes competições esportivas, como a Copa do Mundo de Futebol de 1962 e os Jogos Sul-Americanos em 1986 e 2014. Candidatou-se aos Jogos Pan-Americanos duas vezes (1975 e 1987) e ao Pan-Am de inverno em 1990, mas retirou suas candidaturas por razões financeiras e políticas.

O atual presidente do Pan-Am é do Chile e tem proposto reformulações para a organização, que conta com 41 Comitês Olímpicos Nacionais vinculados. Para esse estudo, foram considerados parte da ‘América Latina’, 39 países e territórios com Comitês Olímpicos Nacionais filiados à Organização Pan-Americana de Desportos, especificamente partindo da fronteira sul dos EUA até a América do Sul, incluindo o

Caribe. Assim situa-se a ‘perspectiva latino-americana’ para esta pesquisa, excluindo-se o Canadá e os EUA do foco de observações.

Os processos de identidade dinâmicos, multifacetados e diversos dos latino-americanos se entrecruzam com contradições decorrentes de desigualdades econômicas e sociais, sugestivas de experiências semelhantes entre seus países e territórios, tais como processos de colonialismo e lutas por independência⁹.

Estabelece-se como hipótese, neste texto, que o Pan é um palco peculiar para examinar as culturas esportivas latino-americanas, pois, os países e territórios da região criaram uma conexão peculiar com o evento, a partir de elementos históricos.

Fundamenta-se essa perspectiva a partir de, pelo menos, três pontos. Primeiro, o vínculo histórico entre o Pan e a expansão do Movimento Olímpico na América Latina, com as viagens embaixadoras de Avery Brundage pela região para fomentar a criação e reconhecimento de Comitês.

Em segundo lugar, a vastidão da região e consequente predominância de cidades-sede cria uma conexão próxima com o Pan, destacada por um senso de compartilhamento de identidade tanto pelo público quanto pelos atletas. De fato, o Pan foi sediado em cidades latino-americanas 14 vezes (de 19 edições), enquanto o Canadá e os EUA, juntos, sediaram 5 vezes. Assim, países e territórios puderam ver as suas histórias sendo contadas em várias cerimônias, enquanto nos JO houve apenas duas ocasiões de celebração de cerimônias para contar histórias do denominado sul global: México 1968 e Rio 2016.

Além disso, para o público da América Latina, em geral, os Jogos Pan-Americanos são economicamente acessíveis em termos de preços de ingressos e distância de viagens. O Pan é oportunidade, também, de reforçar identidades para territórios na América Latina. Porto Rico, como território colonial dos EUA, por exemplo, sediou o Pan em 1979 e aquele foi o cenário perfeito para reivindicar sua identidade como nação separada e povo distinto dos EUA¹⁰.

O terceiro ponto é que, embora chegar ao pódio olímpico seja um feito raro para atletas da região da América Latina, eles têm mais chances de triunfo no pódio Pan-americano. Ainda que os EUA dominem o quadro de medalhas, o Pan é uma plataforma por meio da qual jovens atletas da América Latina conquistam medalhas que os distinguem e os fazem aspirar suas respectivas equipes olímpicas. Para muitos atletas da América Latina, conquistar uma medalha Pan-americana representa o auge do sucesso.

Os EUA e o Canadá, por exemplo, enviam equipes ‘B’ para o Pan, pois esses jogos não se tornaram o seu foco de excelência esportiva. De fato, desde o início da década de 1950, Avery Brundage sinalizou que o domínio dos EUA nos esportes representava uma ameaça ao espírito de competição amigável entre as Américas, dentro de um contexto político pós-guerra que aspirava a formação de um panamericanismo diplomático.

Além disso, com o tempo, a programação do evento continental entrou em conflito com os preparativos para outras grandes competições internacionais. Como resultado, muitas federações esportivas dos EUA e do Canadá escolheram enviar equipes ‘B’ para participar do Pan⁴. Em contraste, a maioria dos países e territórios latino-americanos reconhecem os Pan como uma oportunidade valiosa para os seus melhores atletas, que frequentemente são os mesmos atletas que participam da equipe olímpica.

Narrativas etnográficas sobre a cerimônia de abertura do Pan de Santiago 2023

Como toda cidade que recebe grandes eventos esportivos, desde o aeroporto, estações de metrô e várias áreas centrais, Santiago estava adornada com anúncios do evento, apresentando o logotipo e, também, destacando atletas do Chile e de outros países das Américas em grandes *banners* e *outdoors*. O *slogan* ‘Nosso ponto de encontro’, estava escrito em espanhol ‘*Nuestro punto de Encuentro*’ nesses locais, com raras aparições em inglês. Porém, na área de Providência, área central de comércio da cidade, mal se lembrava que a cerimônia de abertura em Santiago estava programada para aquele dia, exceto por alguns vagões de metrô personalizados no qual se faziam notar os elementos de divulgação do evento.

Os cartões de metrô estavam personalizados com o mascote oficial de Santiago 2023. Para chegar ao Estádio Nacional via metrô, ao desembarcar para acessar o estádio, foi surpreendente ver atletas uniformizados de várias nacionalidades também chegando pelas linhas do metrô, estas com acesso restrito. Embora fosse possível ver os atletas de longe, havia numerosos policiais e membros de equipes de segurança conduzindo os passageiros para fora da estação.

A caminho do estádio, notava-se uma variedade de produtos não autorizados sendo vendidos, mais frequentemente bandeiras nacionais do Chile. Quanto mais próximo do Estádio Nacional, a cena tornava-se cada vez mais militarizada, com policiais montados a cavalo e seguranças armados a pé patrulhando a área, em meio a famílias com crianças e uma fila quilométrica.

Enquanto havia longas filas de espera para entrar no estádio, notava-se uma visão familiar de uma atmosfera de festival esportivo: pessoas acenando bandeiras nacionais, principalmente chilenos. Suas vozes passaram a entoar cantos, em curtos intervalos, liderados por diferentes pessoas: ‘*Chi-Chi-Chi Le-Le-Le, ¡Viva Chile!*’. Reunindo literatura para o trabalho interpretativo, entendeu-se que esse canto rítmico é originalmente uma música da década de 1930. Esta música ganhou popularidade entre os fãs de futebol na década de 1970 e foi apropriada para manifestações políticas durante a ditadura de Augusto Pinochet no Chile, na luta contra o neoliberalismo. Atualmente, continua sendo um hino popular vinculado às seleções esportivas chilenas, especialmente a seleção masculina de futebol.

Na área interna do estádio, antes de acessar as arquibancadas, havia as lojas oficiais e tendas com vários temas e produtos dos patrocinadores, incluindo uma companhia aérea latino-americana, e também uma empresa de minerais chilena. Conforme pesquisa complementar, foi constatado que metade dos patrocinadores que associaram sua marca aos Jogos Pan-Americanos de Santiago 2023 eram da América Latina, a maioria chilena.

Enquanto os JO galvanizam a atenção para o programa de seus patrocinadores como assunto de análise histórica, o patrocínio esportivo de megaeventos como os Jogos Pan-Americanos parece carecer de atenção da literatura esportiva na região. Notavelmente, o patrocínio esportivo global é dominado por empresas dos EUA e da Europa, o que requer uma análise de questões complexas relacionadas ao capitalismo, globalização e esportes¹⁰.

O Estádio Nacional estava lotado, mais de 35.000 espectadores compareceram à cerimônia, predominantemente chilenos. Todos os anúncios no estádio foram feitos primeiro em espanhol, depois em inglês e francês.

Em relação à dimensão do espetáculo, uma contagem regressiva visual em telas dentro do estádio precedeu uma apresentação da baterista Juanita Parra. Isso foi seguido pelo hino nacional chileno, culminando com a entrada da bandeira nacional do país.

O espetáculo foi chamado de ‘A terra e seu povo’ e retratou a formação histórica do Chile em dez atos. Nos atos, enfatizou-se a presença de povos aborígenes representados por vários dançarinos reunindo os vastos territórios geográficos do país e a diversidade de seu povo de diferentes partes da nação.

Foi uma exibição folclórica com nove grupos incluindo o tribal afrodescendente de Arica e grupos étnicos da Patagônia. Durante a apresentação, eles simularam lutas e conflitos entre nativos e colonizadores espanhóis. Enquanto lutavam, os dançarinos moviam peças de cenário que finalmente eram montadas para formar o território do Chile. Nesse momento, havia várias pessoas em silêncio, filmando o espetáculo com seus celulares, e algumas pessoas se emocionaram ao imaginar que as peças do cenário formavam o território do Chile.

Artistas acrobáticos se apresentaram com trajes inspirados em pássaros nativos do país anfitrião. Fiu, um pássaro de sete cores, foi selecionado para ser a mascote de Santiago 2023. Seu nome é derivado do som melódico de seu canto. Como apresentações culturais, a cerimônia de abertura, em sua dimensão ritual, incorpora histórias que um povo conta sobre si mesmo¹.

Amparo Noguera, atriz chilena, deu o tom de como o Chile se apresentou na cerimônia, ao recitar o poema ‘Alturas de Macchu Picchu’ de Pablo Neruda, bem como ‘Canto General’ e ‘Mereciendo’ da poetisa chilena Gabriela Mistral. Ela disse com um tom emocionado e olhos lacrimejando

Somos um, somos um todo, composto de muitas identidades que se estabeleceram neste território há milhares de anos. E os novos habitantes, desde sua chegada, se integraram a este lugar – a terra mais ao sul, uma terra única chamada Chile. Hoje, este país do vasto continente americano abraça o planeta. Somos reconhecidos por nossa geografia única, nossa natureza e nosso caráter sísmico. É verdade que caímos muitas vezes, mas a cada queda, aprendemos a nos levantar mais fortes e resilientes do que antes. Essa resiliência nos define como chilenos. Somos uma nação tão extensa quanto diversa — culturalmente integrada, mas fragmentada. Nossa terra se estende de desertos áridos a regiões chuvosas, e somos habitantes do mar e das montanhas (transcrições de nota de campo).

O discurso refere-se a todos os personagens, inclusive colonos, como ‘novos habitantes’. Enquanto a atriz continuava, foi possível discernir discursos de identidade que convidam os estrangeiros a considerarem uma nova perspectiva

Somos feitos de água, sol e cobre, existindo tanto em campos rurais quanto em cidades movimentadas. Somos tudo isso e muito mais... Como cada canto de nossa terra contém uma essência única, nossa identidade é tecida por contrastes. Muitas vezes nos disseram que estamos no fim do mundo — uma frase gravada em nossa história. Mas

hoje, convido você a mudar sua perspectiva, a ver de um ponto de vista diferente. O Chile, a terra mais ao sul, é agora e é o futuro. O Chile é onde o mundo começa. Bem-vindos ao nosso lar! (transcrições de nota de campo).

É uma reivindicação por reconhecimento e mudança na forma como o país é visto. Resiliência e diversidade são elementos fortes escolhidos para representar a nação e seus cidadãos. Após o discurso, desfilaram os atletas de todas as delegações e participantes independentes. Os atletas chilenos receberam uma grande salva de palmas ao entrarem no estádio, liderada pelo porta-bandeira, Esteban Grimalt, jogador de vôlei de praia, então campeão do Pan de Lima 2019.

Enquanto o time do Chile desfilava, notou-se que um de seus atletas agitava uma bandeira LGBT. Posteriormente, procuramos informações na mídia sobre aquele episódio, e foi difícil descobrir quem era aquele atleta e se ele foi, de alguma forma, punido pelo ato de fazer uma manifestação durante um momento ritual, conforme as regras do COI. Dias depois, encontramos duas notícias em inglês mencionando o episódio, ambas publicadas em *sites*, com o nome do atleta e a foto do acontecimento. Daniel Arcos, jogador de basquete publicamente LGBT, postou a cena em que ele levanta a bandeira do orgulho durante Pan em sua conta do *Instagram*.

A música oficial do evento, ‘*A La Cima*’, foi tocada no final. A música foi tocada em espanhol e fez referência à unificação das Américas.

Etnografando narrativas de autoridades: a chama pan-americana no sul do mundo

O Ministro do Esporte (que também era o presidente do Comitê organizador), Jaime Pizarro, fez um discurso no alto-falante, em espanhol, acompanhado por legendas em inglês exibidas nos telões para o público. Ao caminhar em direção ao microfone, o público entoou novamente o canto “Viva Chile!” novamente. Ele disse

A chama pan-americana agora brilha aqui na parte mais ao sul do mundo... Veio diretamente da Pirâmide do Sol no México para transmitir camaradagem e humildade...Caímos e sempre nos levantamos; esse é o espírito do Chile, e é o espírito que todo atleta visitante deve levar em seu coração. Seja a inspiração para a nova geração das Américas. Aos jovens, crianças do Chile e das Américas, abracem a cultura do esporte. Não há melhor escola para disciplina, trabalho em equipe e resiliência; essa é a essência do esporte. Sempre podemos nos superar. O Chile estende sua casa como um ponto de

encontro para as Américas — um lugar para refletir sobre quem somos (transcrições de nota de campo).

Esta narrativa converge com a ideia de representação e celebração identitária das cerimônias de aberturas esportivas em perspectivas antropológicas, sobre um povo refletir a si mesmo. Em continuidade ao seu discurso, Pizarro destacou

Sinta-se em casa, cercado pela majestade das montanhas dos Andes e pela vastidão do Oceano Pacífico. Nós o recebemos de braços abertos nesta terra de desastres naturais, mas também de sonhos, estrelas, florestas e poesia... Santiago é o ponto de encontro das Américas. Há apenas 30 dias, no México, vivenciamos os valores e símbolos do Olimpismo. A chama pan-americana viajou do norte para o sul e agora está aqui, muito perto. Quando sentimos a chama pan-americana, estamos prontos para realizar o grande sonho do esporte pan-americano. Quero me dirigir aos atletas chilenos, que vi crescer — o sonho está se tornando realidade. Viva o Chile! (transcrições de nota de campo).

Pizarro enfatizou o simbolismo da chama pan-americana, mencionando o México como seu ponto de origem, discernindo essa chama historicamente controversa da aura atraente da Grécia. Ele conectou aquela cerimônia da chama que ocorreu na Pirâmide do Sol a uma forma de vivenciar os valores e símbolos do Olimpismo na mesma frase. Esta é uma forma particular latino-americana de se apropriar do Olimpismo.

A mensagem colocou em evidência o ritual da chama como uma fonte de inspiração para os jovens e crianças das Américas. No discurso de Pizarro, o esporte é um meio de disciplina, trabalho em equipe e resiliência. Os valores olímpicos de amizade, excelência e respeito mútuo não foram listados como as qualidades morais essenciais vinculadas ao Olimpismo.

Após o discurso, os Jogos de Santiago 2023 foram declarados abertos pelo presidente do Chile, Gabriel Boric, sob grande ovação do público. Não foi notada nenhuma resistência à imagem do presidente em todos os telões. Na produção etnográfica, ao conversar com os locais após a cerimônia e, fora da arena esportiva, um taxista teceu algumas críticas ao presidente, dizendo que a maioria dos chilenos no estádio eram seus apoiadores porque ganharam ingressos para tal.

As autoridades políticas tiveram dificuldades nos Jogos Pan-Americanos do Rio 2007, em que o público vaiou o presidente, Luís Inácio Lula da Silva. No Rio 2016, o presidente Michel Temer também foi vaiado no Brasil. Os fãs de esporte latino-americanos são conhecidos por sua atitude ativa de torcida, mas esses dois episódios no

Brasil indicam a apropriação da cultura esportiva como forma de protesto, o que foi considerado por parte da cobertura da mídia brasileira como falta de educação à época.

Etnografando o protagonismo dos atletas na cerimônia de Santiago 2023

O estádio Nacional recebeu as bandeiras Olímpica e Pan-americana carregados por ídolos do esporte chileno, campeões e medalhistas no Pan e nos Jogos Olímpicos. O hino esportivo Pan-americano foi executado, seguido pelo hino olímpico, notando-se no telão a imagem de Thomas Bach, presidente do COI.

A ciclista Catarina Souto Campos, do Chile, fez o juramento em nome dos atletas. Em seguida, foram feitos os juramentos dos árbitros e treinadores. Antes do acendimento da pira pan-americana, houve uma apresentação de *Los Jaivas*, que cantaram sua música ‘Todos Juntos’, alusiva à unificação dos povos.

Foi exibido um vídeo com a cerimônia da chama no México e o revezamento da tocha até sua chegada ao estádio. A nadadora olímpica e campeã pan-americana, Kristel Köbrich, entrou no Estádio carregando a chama Pan-americana, passando sob uma faixa que dizia em espanhol: “Um povo sem memória é um povo sem futuro¹²”.

Ao examinar a história do estádio, constata-se que o mesmo serviu como centro de detenção após o golpe militar de 1973. Cinquenta anos depois, Kristel seguiu o mesmo caminho pelo acesso número oito daquele estádio, a mesma passarela onde centenas de prisioneiros entraram e enfrentaram tortura, execução ou desaparecimento no regime ditatorial chileno. A relação entre a veiculação de mensagens políticas, aludidas na Regra 5 dos jogos regionais foi desprezada, promovendo uma ruptura com a idealização da identidade e do papel do esporte da união dos povos. Ao mesmo tempo, elege o esporte e a competição mais importante sediada pelo país como momento oportuno da memória coletiva sobre um regime ditatorial.

Medalhistas pan-americanos chilenos retransmitiram a chama até que ela foi acesa por Fernando Gonzales e Nicolas Massú, ambos medalhistas olímpicos de tênis de 2004, ao lado de Lucy López, a primeira mulher chilena a se tornar medalhista pan-americana. Ela tem agora 93 anos.

Em meio à atmosfera de espetacularização dos protagonistas do esporte, depois que a chama foi acesa, um show de drones iluminou o céu, formando imagens como o logotipo da Pan Am, com o mapa das Américas. Em seguida, as bandas chilenas *Los*

Bankers e *Los Tres*, junto com Sebastian Yatra da Colômbia, se apresentaram em shows musicais. O grand finale veio com uma exibição de fogos de artifício, concluindo uma cerimônia de duas horas e cinquenta minutos.

Considerações finais

Eventos esportivos funcionam como microcosmos, refletindo valores culturais, dinâmicas de poder e identidade em vários níveis comunitários¹. Os Jogos Pan-Americanos em Santiago 2023 exibiram uma reivindicação de uma identidade chilena plural e resiliente, apropriando-se de símbolos, protocolos e valores do Movimento Olímpico para propor uma dialética do Chile com as Américas como um todo, em torno de um discurso de unificação.

A cerimônia destacou a jornada da chama pan-americana da Pirâmide do Sol do México até os confins mais ao sul do Chile, como uma inspiração e apropriação dos valores e símbolos olímpicos, mas que agora têm sentido próprio e distinto. As autoridades chilenas enfatizaram a natureza diversa e resiliente do Chile, entrelaçando a geografia e a herança cultural únicas do país com valores específicos vinculados ao esporte, como resiliência e disciplina.

O elemento central do ritual cerimonial enfatizou as complexidades geográficas e territoriais do Chile, reformulando a narrativa de estar no ‘fim do mundo’ para ser reconhecido como o ‘começo do mundo’. Essa reimaginação se tornou evidente por meio da escolha do cenário e das representações artísticas que simbolizavam disputas, lutas, fragmentação e unificação. Sedar os Jogos Pan-Americanos de 2023 sugeriu uma mudança potencial na imagem e na narrativa do Chile, forjando a nova identidade do país para o mundo.

Este evento serviu como uma narrativa potente, ilustrando como países latino-americanos podem reinterpretar as tradições olímpicas para celebrar suas histórias e identidades, mas também para redefinir sua posição no Movimento Olímpico, no cenário esportivo e no mundo.

Referências

1 MacAloon J. Olympic Games and the theory of spectacle. In: MacAloon J. (Ed.). *Rite, drama, festival, spectacle: rehearsals toward a theory of cultural performance*. Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues; 1984. p. 241-280.

- 2 Baker C. Beyond the Island Story?: The Opening Ceremony of the London 2012 Olympic Games as Public History. *Rethinking History*. 2015;19(3):409-428.
- 3 Guttmann A. The games must go on: Avery Brundage and the Olympic Movement. Nova York: Columbia University Press; 1984. p.88.
- 3 Santos DS. Avery Brundage, Pan-American Games, and Entrenchment of the Olympic Movement in Latin America [Tese]. 2015. London (CA): The University of Western Ontario; 2015.
- 4 Torres C. Olympic or sacred? The controversy over the flame at the inaugural 1951 Pan-American Games and its aftermath. *The International Journal of the History of Sport*. 2019;36(4-5):340-358.
- 5 Mataruna L. Percepção dos Jogos Pan-americanos Rio 2007 por especialistas internacionais em Estudos Olímpicos. In DaCosta L et al. *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte; 2008. p. 337-342.
- 6 Atkinson P, Amanda C, Sara D. Ethnography: post, past, and present. *Journal of Contemporary Ethnography*. 1999;28(5):460-471.
- 7 Bravo G, Silva J. Sport policy in Chile. *International Journal of Sport Policy and Politics*. 2014;6(1):129-142.
- 8 Brasil JA, Cabecinhas R. Representações sociais da história latino-americana e das relações (pós)coloniais no Brasil, Chile e México. *Journal of Social and Political Psychology*. 2017;5(2):537-557.
- 9 Sotomayor A. Colonial Olympism: Puerto Rico and Jamaica’s Olympic movement in Pan-American sport, 1930 to the 1950s. In: Torres CR, Kidd B. (Eds.). *Historicizing the Pan-American Games*. Abingdon: Routledge; 2017, p. 136.
- 10 Barney RK, Wenn SR, Martyn SG. *Selling the Five Rings: The International Olympic Committee and the rise of Olympic commercialism*. Utah: University of Utah Press; 2002.
- 11 Mascarenhas F. et al. O bloco olímpico: estado, organização esportiva e mercado na configuração da agenda Rio 2016. *Revista da ALESDE*. 2012;2(2):15-32.